

romance do mar da literatura brasileira", de excelente realização pelo poder criador e transfigurador do escritor. *Sete-Estrêlo*, livro de crônicas de Milton Dias, faz B. M. incursionar nos territórios do gênero para ver suas relações entre o registro diário dos fatos e a ficção, para ao fim considerá-lo à altura dos melhores cronistas do Brasil. É assim também que vê a poesia de Francisco Carvalho "pela existência de seu lirismo, pela dignidade de seu artesanato, pela atitude de sua inspiração e, principalmente, pela consciência de seu destino artístico". *Velha Fazenda e Velhos Costumes* de José Stenlo Lopes, livro de memórias (?), memórias esfumadas pelo tempo e erigidas em poesia, leva Braga Montenegro ainda uma vez ao problema da classificação pelo gênero, em vista das dificuldades apresentadas pelo livro de Stenlo Lopes, onde "a memória se transforma em arte". *Folclore do Nordeste* de Eduardo Campos abre ocasião a B. M. de oferecer achegas ao problema e reparar algumas falhas, sobretudo com relação ao folclore cearense.

Por fim, *Dois de Ouros* de Fran Martins encerra essa seqüência de considerações e notas críticas, onde Braga Montenegro mostra as boas qualidades dessa obra que coloca com acerto problemas sociais do Nordeste, sem as deformações do observador a longa distância, o que tem sido freqüente entre nós.

Assim, conseguimos realizar, pela mão do A. de *Correio Retardado*, um longo e agradável passeio às atividades culturais do Ceará nos últimos tempos. Passeio inteligente, está visto, e guiado pela cultura e sensibilidade de quem tem imenso respeito aos fatos do espírito. Por isso não temos receio de convidá-los ao mesmo passeio, certo de que sairão dele enriquecidos, pois apesar de retardado, o correio veio carregado de boas notícias. JOSÉ CARLOS GARBUGLIO.

ABRANCHES VIOTTI, Pe. Hélio, S. J. — *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1966, 344 pp.

O presente estudo biográfico sobre Anchieta, de autoria do Pe. Hélio Abranches Viotti, S. J., recebeu o primeiro prêmio entre seis trabalhos apresentados em concurso da Comissão Nacional das comemorações do dia de Anchieta, em 1965. O ensaio reveste-se de um duplo aspecto: por um lado, revela o erudito, o pesquisador minucioso dos arquivos e bibliotecas de vários países, no afã de reconstituir a verdade em torno das contribuições de Anchieta para a causa do apostolado no Brasil e sobre sua atividade como intelectual; por outro lado, revela o espírito entusiasta de admirador do trabalho incansável do missionário, tentando aprofundar "o estudo psicológico e ascético de sua extraordinária personalidade" (p. 7). As conclusões baseiam-se minuciosamente na bibliografia especializada, sendo o ensaio, além de uma contribuição original, uma fonte bibliográfica completa a respeito; com efeito, o A. é de longa data um estudioso do assunto, tendo já publicado diversos artigos em jornais e revistas, o que evidencia uma pesquisa de vários anos, que pôde mais tarde aprofundar através da consulta a bibliotecas e arquivos europeus. A pesquisa estendeu-se inclusive à genealogia de Anchieta, sem que os vários capítulos, entretanto, se restrinjam aos aspectos referentes à vida do jesuíta: com efeito, progressivamente e em ordem cronológica, vão-se desdobrando a nossos olhos não só os diversos fatos que concernem às atividades da Companhia de Jesus no Brasil, mas, dadas as perspectivas amplas sob as quais se colocou o Autor, um panorama preciso de várias fases do povoamento e conquista de nosso território no século XVI. Não é de estranhar que o livro acabe por assumir estas perspectivas mais amplas, pois "verificava-se em São Paulo mais uma vez essa função indireta do culto religioso: a de ser um fator primordial de povoamento e estabilidade social" (p. 154). E vêm a propósito estas considerações, pois é a partir delas que se salienta a importância da presença de Anchieta como estelo da fundação de São Paulo (a este aspecto é dedicado um longo apêndice: "Controvérsia acerca da fundação de São Paulo"). E, ao mencionar as árduas condições em que se desenvolveram as atividades missio-

nárias, o A. não esconde sua admiração pela tenacidade e pobreza desses humildes "operários evangélicos" (p. 64): "E se a civilização consiste mais nas riquezas do espírito, que nos requintes do conforto material, devemos reconhecer que ninguém melhor zelou por esta sementezinha, tão combatida sempre, que os arautos do Evangelho, "luz do mundo e sal da terra" na palavra do Senhor" (p. 36).

O trabalho reveste-se, em certos trechos, de um tom polêmico, ao serem discutidas, por exemplo, informações de fontes consultadas, que omitem, distorcem ou pretendem negar a Anchieta a participação em empreendimentos da época: é o caso da construção de um caminho novo de São Vicente para São Paulo, quando o A. procede a um cotejo de documentos, salientando aí a participação do jesuíta. E cremos que o tom excessivamente polêmico de certas passagens, como o apêndice B ("Anchieta, autor do "Poema de Mem de Sá") poderá ser substituído pela simples constatação documentada, quando o A. se dispuser a um trabalho definitivo, que parece estar prometido.

A leitura torna-se amena graças à transposição de textos de jesuítas ou viajantes (necessários para a corroboração das idéias do A.) e que muitas vezes são dramáticos (a carta do Pe. Brás Lourenço narrando uma tempestade nos Abrolhos, no capítulo 5) ou pitorescos: "... e fomos dormir em um *teig-upaba*, ao pé de um formoso rio de água doce, que descia com grande ímpeto de uma serra tão alta que, ao dia seguinte, caminhamos até ao meio dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tão íngreme que às vezes íamos pegando com as mãos". (Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, pp. 352-354, descrevendo a jornada até São Paulo em janeiro de 1585), p. 75. E para essa amenidade contribui também o estilo do A., que ainda aí evidencia o seu envolvimento afetivo: "Iam eles, os expedicionários, em busca de ouro para as arcas do Rei, e o padre em busca de almas para o tesouro do céu. E como se exprime Anchieta. Na mesma faina de falsificador de almas para Deus, principiava então também ele a penetrar bem fundo, definitiva e irrevogavelmente, no coração de sua nova pátria" (p. 38). É bem compreensível, porém, esta participação afetiva, dados não somente o tempo e a dedicação entrevistados pela seriedade do trabalho, como ainda a fascinação que não pode deixar de suscitar tema tão controvertido e uma personalidade tão marcante como a estudada no presente ensaio. E diante deste promotor escorço biográfico, como insiste o Autor em denominá-lo, só nos resta esperar futuras contribuições que venham enriquecer a bibliografia existente sobre o tema. — ALIETE FONTANA.

SILVA BRUNO, Ernani — *Viagem ao País dos Paulistas*, Ensaio sobre a ocupação da área vicentina e a formação de sua economia e de sua sociedade nos tempos coloniais. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1966 (Coleção Documentos Brasileiros, v. 123), 152 pp.

O presente estudo de Ernani Silva Bruno, selecionado entre vinte e um trabalhos apresentados, obteve em 1964 o prêmio Octávio Tarquínio de Sousa, destinado ao melhor ensaio do ano sobre tema brasileiro, por decisão unânime da comissão julgadora, constituída pelos escritores Francisco de Assis Barbosa, Antônio Cândido e Sérgio Buarque de Holanda. Há longos anos vem o A. se dedicando a pesquisas referentes à zona paulista, pesquisas essas que já nos proporcionaram sua tão bem recebida obra de estreia *História e Tradições da Cidade de São Paulo* — publicada em 1953; surge agora este "ensaio sobre a ocupação da área vicentina e a formação de sua economia e de sua sociedade nos tempos coloniais". Através de cinco tempos: Tempo dos Pioneiros (1500-1580), Tempo da Caça ao Bugre (1580-1640), Tempo da Busca do Ouro (1640-1730), Tempo do Comércio de Gado (1730-1775), Tempo da Indústria do Açúcar (1775-1822), a viagem permite-nos apreciar cronologicamente, sob amplas perspectivas, as diferentes etapas da colonização